



**INSTITUTO
FEDERAL**

Santa Catarina

Câmpus

Jaraguá do Sul - Centro

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA
CÂMPUS JARAGUÁ DO SUL - CENTRO
CURSO TÉCNICO EM MODELAGEM

BIANCA MAAS
CARLA CANALLE MUNDEL
DANIEL BORCHARDT LINDNER
JULIA CRISTYNE ANASTACIO
NYKOLAS JOSÉ KÖPP

**ESTEREÓTIPOS: COMPREENSÃO E ENTENDIMENTO PELOS DOCENTES E
DISCENTES DO IFSC JARAGUÁ DO SUL - CENTRO**

Jaraguá do Sul
2023

Bianca Maas
Carla Canalle Mundel
Daniel Borchardt Lindner
Julia Cristyne Anastacio
Nykolas José Köpp

**ESTEREÓTIPOS: COMPREENSÃO E ENTENDIMENTO PELOS DOCENTES E
DISCENTES DO IFSC JARAGUÁ DO SUL - CENTRO**

Relatório final de pesquisa desenvolvido para o
Conectando Saberes do Curso Técnico Integrado
em Modelagem do Instituto Federal de Santa
Catarina, Câmpus Jaraguá do Sul - Centro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Deisi Beatriz Barcik
Coordenadora: Prof.^a Ma. Anne Cristine Rutsatz
Bartz

Jaraguá do Sul
2023

AGRADECIMENTOS

No decorrer de nossa pesquisa fomos auxiliados por dezenas de pessoas, as quais certamente merecem um agradecimento por parte de todos nós.

Primeiramente, agradecemos à nossa orientadora Prof.^a Dra. Deisi Beatriz Barcik por todo o apoio, crucial em todo o andamento de nossa pesquisa. Somos gratos por todos os encontros onde nossas dúvidas foram elucidadas, também por essa caminhada de mais de um ano, que teve como consequência uma evolução em nossa maneira de pesquisar e, até mesmo, de ver o mundo.

Devemos reconhecimento e gratidão à nossa coordenadora de fase Prof.^a Ma. Anne Cristine Rutsatz Bartz, que sempre esteve à disposição para nos ajudar quando necessário. Agradecemos também à banca, que apontou nossos erros e teve uma parte importantíssima na conclusão deste trabalho.

Por fim, agradecemos a todos os discentes e docentes que cederam seu preciso tempo para responderem ao nosso questionário.

ÍNDICE DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico da pergunta n.º 3 do apêndice n.º 2.....	21
Gráfico da pergunta n.º 7 do apêndice n.º 2.....	23
Gráfico da pergunta n.º 10 do apêndice n.º 2.....	26
Gráfico da pergunta n.º 12 do apêndice n.º 2.....	27
Gráfico da pergunta n.º 13 do apêndice n.º 2.....	29
Gráfico da pergunta n.º 14 do apêndice n.º 2.....	30
Gráfico da pergunta n.º 15 do apêndice n.º 2.....	31
Gráfico da pergunta n.º 16 do apêndice n.º 2.....	32

RESUMO

Em nossa pesquisa, buscamos conhecer como os estereótipos atuam na maneira como pensamos sobre o outro, como afeta nossas tomadas de decisões e nossa vivência em sociedade. Utilizando os estudos de Amaro Xavier Braga Junior (2015), encontramos que o termo “estereótipo” se refere a uma ideia pré-definida sobre algo ou alguém sem saber como ele realmente pode ser. Em Daniela Jakubaszko (2015) e Dylia Lysardo-Dias (2007), temos que a concentração dos estereótipos naturaliza preconceitos, desqualifica indivíduos e intensifica os meios de violência. É nesse sentido que propomos uma pesquisa de Conectando Saberes que busca conhecer como se dá o entendimento dos docentes e discentes dentro dos cursos Técnicos Integrados do IFSC Jaraguá do Sul - Centro a respeito do tema. Interessamos saber como o estereótipo é entendido e tratado na Instituição, e quais as medidas tomadas pelos discentes e docentes em relação ao tema. O método usado para a coleta de dados foi um questionário qualitativo, com prioridade às perguntas fechadas, disponibilizado via convite, para que os docentes e os discentes do Ensino Médio Técnico Integrado do IFSC Jaraguá do Sul - Câmpus Centro, que desejaram colaborar com a pesquisa, respondessem algumas questões. Após analisar os dados obtidos através do questionário, compreendemos o grau de entendimento dos docentes e discentes acerca dos estereótipos e como esse mecanismo conduz às práticas preconceituosas. Ademais, estudamos o posicionamento do IFSC em relação aos métodos empregados para esclarecer o hábito da estereotipização e suas consequências no âmbito institucional.

Palavras-chave: Estereótipo; Preconceito; Estigma; Socialização.

ABSTRACT

In our research, we seek to understand how stereotypes affect the way we think about others, how they affect our decision-making and our experience in society. Using the studies of Amaro Xavier Braga Junior (2015), we found that the term “stereotype” refers to a predefined idea about something or someone without knowing what they can really be like. In Daniela Jakubaszko (2015) and Dylia Lysardo-Dias (2007), we see that the concentration of stereotypes naturalizes prejudices, disqualifies individuals and intensifies the means of violence. It is in this sense that we propose a “Conectando Saberes” survey that seeks to understand how teachers and students understand the topic within the Integrated Technical courses at IFSC Jaraguá do Sul - Centro. We are interested in knowing how the stereotype is understood and treated in the Institution, and what measures are taken by students and teachers in relation to the topic. The method used for data collection were a qualitative questionnaire, with priority given to closed questions, which via invitation were, made available to teachers and students of the Integrated Technical High School at IFSC Jaraguá do Sul - Câmpus Centro, who agreed to collaborate with the research, by answering some questions. After analyzing the data obtained through the questionnaire, we understood the degree of understanding of teachers and students about stereotypes and how this mechanism leads to prejudiced practices. In addition, we studied the position of the IFSC in relation to the methods used to clarify the habit of stereotyping and its consequences in the institutional sphere.

Keywords: Stereotype; Prejudice; Stigma; Socialization.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
3 METODOLOGIA.....	18
4 ANÁLISE DE DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	35
APÊNDICES.....	37

1 INTRODUÇÃO

“A história única cria estereótipos, e o problema dos estereótipos não é que eles são falsos, mas que são incompletos. Eles fazem uma história se tornar a única história.”

Chimamanda Ngozi Adichie¹

Vivemos em círculos sociais, pequenas porções de uma sociedade enorme e complexa. Nesses espaços, que são o da vida cotidiana em que nos relacionamos através da linguagem, formulamos nossas opiniões, construímos nossa autoimagem e visões de mundo. Então, para entendermos a ideia de estereótipos, devemos, inicialmente, refletir sobre três aspectos: a linguagem, o cotidiano e o senso comum. (Jakubaszko, 2015)

Segundo Daniela Jakubaszko (2015), como a linguagem sistematiza o pensamento humano, os estereótipos seriam generalizações geradas pela linguagem. Tais generalizações, criadas basicamente no cotidiano, englobam, além dos estereótipos, os conceitos e preconceitos, os três tendo a função comum de simplificar a realidade. Em síntese, os conceitos se formam a partir de tendências objetivas e descritivas, ao contrário dos estereótipos, que são moldados basicamente de acordo com uma base emocional; já os preconceitos podem ser pensados como tendo em sua base a utilização de estereótipos em sua maneira mais concentrada, algo que, da falta de abrangência do conhecimento, pode produzir intolerância e, mais grave, levar a ações de violência.

No senso comum, o uso de estereótipos pode ser entendido, então, como um padrão de comportamento utilizado como uma ferramenta na vida cotidiana, vida essa que parece não oferecer tempo para análises mais detidas sobre o outro e que, portanto, sirvam como fundamento para nossas ações nas relações interpessoais. Logo, os estereótipos seriam como pequenas caixas que teriam como objetivo diminuir a complexidade da compreensão do e sobre o outro, no cotidiano da vida. Decorrente, em grande parte das vezes, da simplificação da complexidade humana, os estereótipos podem, assim, adquirir funções que os aproximam de comportamentos que “naturalizam” ações preconceituosas como as “piadas” que

¹ Nascida em Enugu, na Nigéria, Chimamanda Ngozi Adichie (46) é uma escritora feminista com várias obras publicadas. Dentre elas estão: Meio Sol Amarelo, Hibisco Roxo e O perigo de uma história única, aqui citada. Nessa produção, Adichie busca romper com uma visão colonialista, há o desenvolvimento de tramas envolvendo a representatividade e a estereotipização dos povos do continente africano, que comumente é visto de forma simplificada e unificada no restante do mundo. Visão rasa que desconsidera as diversas etnias, raças, culturas, as variadas formas de organização política e social, dentre outros fatores, presentes na África.

funcionam em torno da desqualificação do outro e que ainda são muito comuns em nosso dia a dia. (Jakubaszko, 2015)

Pensando nos estereótipos como potências desqualificadoras do outro, tivemos, como objetivo geral, entender como os estereótipos são compreendidos e tratados dentro do IFSC - Jaraguá do Sul - Centro. Desse amplo intento, se desprenderam os objetivos específicos, que ficaram delimitados como: 1) Identificar a perspectiva dos docentes e discentes sobre a existência de relações entre estereótipos e a sociabilização dentro do ambiente escolar; 2) Registrar as possíveis atitudes tomadas pelos docentes e discentes quanto ao processo de estereotipização; e 3) Investigar as eventuais propostas do IFSC Jaraguá do Sul - Centro na disseminação de informações sobre a diversidade e, em contrapartida, sobre as implicações dos estereótipos na sociedade.

Diante de nossos objetivos - geral e específico - entendemos que precisávamos conhecer como educadores e educandos pensam e lidam com o estereótipo, quais relações são estabelecidas entre ele e a socialização, e se existem ações propostas pela Instituição que visem esclarecer o termo. Para tanto, compreendemos a necessidade de elaborar um instrumento de pesquisa capaz de reunir informações possíveis de serem analisadas. Por isso, com base em nossa pesquisa bibliográfica, construímos um questionário, de caráter quali-quantitativo, com questões diretas e indiretas a fim de coletarmos dados que nos fornecessem caminhos para entendermos como os estudantes e professores do IFSC Jaraguá do Sul, Câmpus Centro, entendem e tratam os estereótipos.

A justificativa foi construída a partir do entendimento de que seria possível e relevante abordar os estereótipos no Câmpus através de uma pesquisa de Conectando Saberes, pois não o víamos abordado em outras situações. Nesse sentido, a execução de tal empreitada permitiria observar as atividades que proporcionam oportunidades para debates sobre a estereotipização presente no IFSC - Jaraguá do Sul - Centro. Tal ideia se vinculou à possibilidade de percepção de alguns dos mecanismos do estereótipo quando este atua na construção dos julgamentos, fato que, eventualmente, pode colaborar na diminuição de atitudes preconceituosas e ampliar o conhecimento dos estudantes e dos professores no que diz respeito aos estereótipos.

Assim, o texto que segue, aborda, inicialmente, a etimologia da palavra “estereótipo”, o que também contempla, em parte, seu histórico, em seguida há a nossa fundamentação teórica, embasada principalmente nos autores: Amaro Xavier Braga Junior, Daniela Jakubaszko, Dylia Lysardo-Dias, Rosa Cabecinhas, Marcus Eugênio Oliveira Lima e Marcos

Emanoel Pereira, que busca discutir o conceito de estereótipo em algumas esferas do conhecimento, como a psicologia - Miranda, Cavalcante e Melo -, a sociologia - Goffman -, a filosofia - Platão -, o que permitiu que chegássemos a uma melhor compreensão sobre o sentido do termo e sobre as implicações do conceito. Em seguida, discorremos, no tópico “metodologia”, sobre a construção de nosso questionário e apresentamos, em “resultados e discussões”, nossas análises sobre os dados coletados, que intentamos construir em diálogo com a fundamentação teórica. Ao fim, encontram-se nossas considerações finais, nas quais, reconhecendo os limites de nosso trabalho, buscamos apontar as lacunas de nossa pesquisa, a fim de, quiçá, estimular outros grupos de Conectando Saberes a se aventurar no conceito de estereótipo ou em pesquisas próximas, como as bases das construções e as implicações dos diversos preconceitos ativos e constantemente ativados em nossa pequena comunidade, o IFSC, ou nas em que ele está inserido, como bairro, município, estado, país.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O termo “estereótipo”, de acordo com Lysardo-Dias (2007), fazia referência à "placa gravada sobre o metal para impressão de imagens e textos por meio de uma prensa tipográfica." Por sua vez, de acordo com a mesma autora, a etimologia da palavra, que vem do grego, *stereos*, tem o significado de "sólido". É nesse sentido que, na atualidade, estereótipo poderia ser entendido como uma ideia ou pensamento sobre determinado assunto que, definido, foi se “solidificando” e, conseqüentemente, se distanciando das atualizações dos conceitos que acontecem diante das alterações que ocorrem com o passar do tempo. O termo estereótipo tende a manter, em sua base, as mesmas ideias e conceitos sobre assuntos aos quais se refere, tendo a realidade social passado por mudanças, ou não. Com esse aspecto de solidificação de conceitos vinculados a um termo, a aplicação de estereótipo se torna, muitas vezes, depreciativo, embora, dependendo da situação em que seja usado, ele possa ter, também, outros sentidos que não apenas o pejorativo.

Ainda sobre a etimologia da palavra, podemos nos ater à obra de Helga Vanessa Assunção de Souza (2006 *apud* Braga, 2015, p. 172), que traz do grego, além de *stereos*, a palavra *túpus*, que significa traço, fazendo com que o termo “estereótipo” fosse entendido como uma linha definida, imutável. Partindo dessa ideia, Braga (2015) afirma que o estereótipo é como um rótulo, uma imagem predeterminada, uma marca endurecida que tenta fornecer informações sobre algo ou alguém que o observa.

Quando visitamos Erving Goffman (2008) buscando entender a ideia de estereótipo na sociologia, encontramos o termo estigma que, segundo o autor, é capaz de vincular um atributo extremamente pejorativo e um estereótipo. E, novamente, buscando o significado da palavra na Grécia Antiga, onde o estigma era algo produzido em algumas pessoas, pois, para os gregos, a marca faria referência a algo de extraordinário ou de mau sobre o status moral do portador. As marcas, ou os sinais, eram feitos por meio de cortes na pele das pessoas, sinalizando que aqueles que possuíam as marcas deveriam ser evitados, especialmente em lugares públicos. Devido à falta de descrições e de uma própria definição do conceito, Goffman (2008, p. 8) nos apresenta breves afirmativas e definições:

Atualmente, o termo é amplamente usado de maneira um tanto semelhante ao sentido literal original, porém é mais aplicado à própria desgraça² do que à sua evidência corporal. Além disso, houve alterações nos tipos de desgraças que causam preocupação.

Após a breve definição, Goffman (2008) enuncia que a sociedade cria meios de categorizar as pessoas e estabelece as características comuns que os membros desses grupos apresentam. Quando socializamos, de certa forma criamos expectativas sobre as características e atributos que uma pessoa possuiria, apesar de não nos darmos conta. Com isso em mente, podemos associar Goffman com os estereótipos que Jakubaszko (2015) define como sendo “caixinhas”, rótulos, disseminados geralmente de maneira inconsciente pela linguagem. Ao tratar dos estereótipos como “caixinhas”, que tentam separar as pessoas por categorias a fim de compreendê-las, rotulamos e passamos a defini-las não como o que são, mas, como diz Goffman, com base em expectativas sobre suas características e, conseqüentemente, sobre o que essas características podem dizer sobre as pessoas.

Os estereótipos são um “olhar pré-construído”, como diz Bourdieu (1989 *apud* Jakubaszko, 2015, p.2), e são estabelecidos pela cultura e passado a nós, de geração em geração, por meio da linguagem. Assim, a linguagem estabelece nossa realidade, associando uma representação feita por nossa imaginação e por outras pessoas, disfarçando tal representação como realidade, generalizando as pessoas e não entendendo o indivíduo como ele realmente é.

² O termo “desgraça” em Goffman não é bem esclarecido, o que deixa margem para interpretações. No entanto, entendemos que a “desgraça” trazida por Goffman se refere aos estigmas que evidenciam algo de extraordinário sobre o status moral do portador. Essa “desgraça” se refere, não a questões físicas propriamente ditas, mas sim ao estado social, pois quando alguém sofre uma “desgraça”, ele tem sua honra e dignidade abalada e, conseqüentemente, poderá ser lembrado por ela, como um estigma dessa situação, dessa “desgraça” que o cerca.

As generalizações presentes no cotidiano, teriam a mesma função de “simplificação” da realidade, devido à complexidade do ser humano e de suas relações. Contudo, a utilização desenfreada de estereótipos e a crença fiel de que eles são a realidade, podem levar a ações de violência e intolerância, tornando-se, assim, preconceitos. Isso é também explicado por Jakubaszko:

Ao simplificar o processo de interpretação adotamos uma visão reducionista das pessoas, dos fenômenos, dos acontecimentos. Acreditar que os discursos do senso comum e seus estereótipos definem a realidade da vida social é um grave equívoco. E esse erro gera consequências. Uma delas é a utilização dos estereótipos para manutenção de relações assimétricas de poder. É quando os estereótipos se cristalizam em forma de preconceito social. (Jakubaszko, 2015, p. 10)

Essas generalizações, segundo Eclea Bosi (1977 *apud* Baccega, 1988, p.8), podem ser desconstruídas através do contato do indivíduo com a realidade. Para que esse contato aconteça, a escola se torna um fator primordial, pois, segundo Maria Aparecida Baccega (1988), é nela que existem as condições necessárias para a integração do sujeito na sociedade.

Além disso, a escola é um fator muito importante a ser considerado quando se está falando de estereótipos, já que, segundo Goffman (2008), o âmbito escolar é, normalmente, um dos principais lugares em que as pessoas descobrem que têm um estigma, pois não estão mais “protegidas” pelo meio familiar. Usualmente, essa descoberta é acompanhada de insultos, brincadeiras e exclusão social. Consequentemente, a pessoa estigmatizada tende a se afastar cada vez mais de seu círculo social, pois sente que a sociedade ao seu redor não a aceitará. Esse isolamento é intensificado pelo fato de que o estigma não afeta somente a pessoa que o possui, mas também as pessoas que têm relação com o indivíduo estigmatizado. Em razão disso, é muito comum que tais relações sejam desfeitas ou evitadas.

Curiosamente, as legislações que tocam nos termos das relações interpessoais, tanto no âmbito escolar, como fora dele, não mencionam diretamente o termo “estereótipo”, mas falam sobre preconceito; essas leis tratam da inclusão, dos direitos e das necessidades de todos os cidadãos. No que tange a esta pesquisa, coube priorizar as informações legais sobre os direitos dos estudantes, das crianças e dos adolescentes e sobre aqueles pertencentes ao âmbito escolar.

A lei nacional, suprema e fundamental, a Constituição de 1988 no Art. 3, inciso IV cita um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, sendo “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.” e no Art. 6º no Capítulo III, aborda que a educação é direito de todo cidadão,

a partir disto, podemos ver que deveríamos ter assegurado uma sociedade sem preconceitos, tendo a inclusão garantida nas esferas mais básicas, como a educação e a simples participação de eventos dentro da escola. O Art. 227 que está no Capítulo VII aborda sobre os deveres da família e Estado quanto a alguns direitos das crianças e adolescentes, onde diz que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, **além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.** (Brasil, 1988, redação dada pela Emenda Constitucional nº 65 de 2010. Grifo nosso.)

Estas leis informam sobre os direitos quanto à segurança, inclusão e integração das pessoas e, mais especificamente dentro do Art. 227, das crianças e adolescentes, porém não trazem especificações sobre estereótipos, que, apesar disso, estão sendo abordados de forma indireta. Também podemos trazer o Art. 6º no Capítulo III, que aborda que a educação é direito de todo cidadão, o que se conecta com as leis citadas anteriormente. Assim podemos compreender que as leis nos protegem quanto aos nossos direitos básicos, todavia não dos estereótipos, apesar de terem, ao nosso ver, ligação direta com a formação dos preconceitos. (Brasil, 1988)

A discriminação e o preconceito, que acreditamos serem produzidos tendo como base a estereotipização, são tratados no Capítulo III - Da Educação, Da Cultura e Do Desporto (Brasil, 1988), que cita que a educação é direito de todos e que o ensino deve ter por base a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, e ainda, que a educação e a aprendizagem ao longo da vida é direito garantido. Quanto a esta temática, há leis que tratam especificamente das pessoas com deficiência (PcD), sendo elas fácil e recorrentemente ligadas aos estereótipos. Tal prática, denominada de capacitismo, é condenada por lei e estas leis destacam a necessidade de inclusão. A principal é a Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015, que “Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)”, que, no Art. 4º, fala diretamente sobre a inclusão: “Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação.” (Brasil, 2015)

Em relação aos estereótipos, à inclusão e ao preconceito, podemos nos atentar aos Planos Nacionais de Educação (2001 - 2011; 2014 - 2024) baseados na Constituição. Atualmente, está em vigor o PNE decênio 2014 - 2024, nele encontramos trechos em que há

ênfase sobre a inclusão e o combate aos preconceitos dentro do ambiente escolar. Tendo 20 metas e 254 estratégias, aprovadas pela Lei n.º 15.005, de 25 de junho de 2014, o PNE 2014 - 2024 tem, em seu Art. 2º, “São diretrizes do PNE”, o Inciso III com a seguinte redação: “superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação”. Ou seja, trata-se de uma meta que, para ser atingida, depende também de lutas, de estratégias que busquem desmanchar preconceitos baseados, sobretudo, em falta de conhecimento e estereótipos.

Desse modo, a fim de que se enfatize a importância de ter estratégias que visem conscientizar as pessoas sobre os estereótipos, buscamos maneiras de abordar e compreender o tema. Isso trouxe à tona algumas perspectivas de estudo do estereótipo, entre elas: a filosófica; a psicológica social; a social e a discursiva. Onde, ao decorrer desta fundamentação, serão melhor abordadas.

Na busca pela compreensão do conceito de “estereótipo” e seu uso no cotidiano, uma das primeiras ideias que surge é que ele é simplificador e restritivo, ou seja, generaliza e delimita características humanas e ignora complexidades. Assim, com uma perspectiva filosófica, podemos nos aproximar de um entendimento sobre o que é o estereótipo em uma alusão ao Mito da Caverna, de Platão (2019). Por meio da alegoria da Caverna, Platão apresenta uma situação em que um grupo de pessoas está preso por grilhões e vivendo na escuridão de uma caverna desde o seu nascimento. A abertura da caverna permite, no entanto, que tanto a luz do sol, como a luz de uma fogueira, acesa a certa distância, entre na caverna e projete as sombras das pessoas que, no exterior, passam entre a fonte de luz e a entrada da caverna. Logo, incapazes de se virarem e sendo obrigados a encarar a parede à sua frente (devido aos grilhões), os prisioneiros só conseguiam olhar as sombras projetadas e, conseqüentemente, pensavam que elas seriam a realidade.

Tal situação, na perspectiva desse estudo, pode ser relacionada ao estereótipo, uma vez que, assim como as sombras, é visto como uma verdade, como algo real. Há a possibilidade de interpretar os prisioneiros como as pessoas que recorrem aos estereótipos - criando e/ ou usando os que foram, e são constantemente, criados. Em razão destas pessoas estarem presas, com o olhar e os ouvidos fixos nas sombras e ecos, à opiniões e conceitos simplificados, acabam encerradas dentro de “bolhas”, ou seja, dentro de um entendimento restrito sobre o mundo, o ser humano e a sociedade, dentro de suas próprias cavernas.

Partindo da ideia de que as sombras que os prisioneiros viam representavam a sua realidade, porque eram a única coisa que conheciam, podemos trazer os pensamentos de

Chimamanda Ngozi Adichie (2019), que eventualmente, pontua uma nova visão sobre o estereótipo a partir da ideia de história única, a qual seria uma generalização criada através da repetição de uma única perspectiva sobre algo ou alguém. Desse modo, essa generalização geraria estereótipos, tendo como consequência a simplificação da existência do indivíduo, de todas as suas características, pensamentos e experiências; impossibilitando o reconhecimento do outro como alguém com características próprias. A autora ainda discorre sobre as relações de poder e o impacto delas na formação da história única:

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: *nkali*. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que o outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. (Adichie, 2019, p. 22 - 23)

Goffman (2008) dialoga com essa ideia ao nos contar que o indivíduo com um estigma em particular que consiga alcançar uma posição financeira, política ou ocupacional favorecida, conforme o seu grau de importância dentro do grupo determinado, receberia, então, o papel de representar a sua categoria, o seu estigma. Esses representantes podem alterar a visão que a sociedade tem sobre determinadas pessoas que carregam um estigma e, conseqüentemente, sobre a formulação de estereótipos sobre elas, pois, tanto um quanto o outro são formados culturalmente.

Pereira (2002 *apud* Guerra, 2011) diz que os estereótipos são criados quando alguém, a partir da própria opinião, primeiro define o que uma pessoa seria para depois perceber como esse indivíduo realmente pode ser: sua personalidade, ideologias, modo de agir, entre outras particularidades. Tal comportamento estaria diretamente ligado à cultura, pois esta teria parte importante na construção da opinião das pessoas. Diante disso, parece importante recorrer à ideia de estereótipo dada pela perspectiva da Psicologia Social. Pois, como escrevem Miranda, Cavalcante e Melo (2020, p. 3):

A Psicologia Social é compreendida como um campo de estudos sobre o comportamento do indivíduo e aquilo que o influencia socialmente, ou seja, investiga e analisa as situações e variáveis em que a conduta humana é influenciada e influencia a de outras pessoas.

De acordo com esses autores, a primeira impressão que comumente se tem de uma pessoa é direcionada conforme os estereótipos constitutivos do sujeito que a observa. Assim, seria possível dizer que quem observa deduz que a pessoa observada é de determinado modo devido a uma ideia, anterior ao contato, que o sujeito que observa tem sobre o sujeito observado. Nesse sentido, quem define como são as outras pessoas, a grosso modo, somos nós com nossas próprias opiniões, pois quando olhamos e dizemos sobre o outro é com base naquilo que temos como conhecido. A atribuição de características ao outro ou a aplicação de estereótipos é, inclusive, dependente de nosso humor. Quando há irritabilidade, por exemplo, há também uma tendência de avaliarmos o outro de modo negativo.

Pereira (2002 *apud* Guerra 2011) descreve alguns mecanismos na formação dos estereótipos sendo: “memória, atenção, codificação das informações, afetos, autoimagem e processos automáticos controlados”, esses fazem parte da diversidade de mecanismos que atuam nas construções e emissões de opiniões sobre o outro, é por isso que os estereótipos são diferentes para cada pessoa. Os estereótipos podem ser negativos, positivos, verdadeiros, falsos, corretos e incorretos e podem ser relacionados a qualquer âmbito da vida de uma pessoa, seja sobre a aparência, trabalho, gostos pessoais, entre outros.

Na esfera da Psicologia Social, segundo Guerra (2011, s.p.) os estereótipos poderiam ser considerados em quatro ramificações, sendo elas: a que observa a teoria do individualismo e o conflito - “Essa micro-análise observa que crenças surgem com o tempo e devido a experiências repetidas”; a segunda observa o contexto e não o conflito, é uma teoria sócio-cultural que aborda a evolução e transmissão dos estereótipos, citando que as crenças seriam compartilhadas e que a sociedade é onde estão todos estes estereótipos, já que, de acordo com a autora, a sociedade é “o depósito da informação”; a terceira concepção seria a da identidade social, que ocorre quando alguém, ao fazer parte de um grupo, passa a agir de acordo com os outros membros do grupo, e, simultaneamente, as outras pessoas do grupo também passam a agir tanto de acordo com o comportamento do novo integrante do grupo como com os comportamentos dos demais integrantes; a quarta e última abordagem seria a da cognição social, que observa o individual e não o conflito. Essa perspectiva estuda o processamento da informação e considera os estereótipos estruturas cognitivas.

Considerando o desenvolvimento dos estereótipos em meio a Psicologia Social, é necessário, então, o entendimento do conceito pela perspectiva social. Pereira (2002, p. 157 *apud* Braga, 2015, p. 173) diz que, na perspectiva social:

[Os estereótipos são] artefatos humanos socialmente construídos, transmitidos de geração em geração, não apenas através de contatos diretos entre os diversos agentes sociais, mas também criados e reforçados pelos meios de comunicação, que são capazes de alterar as impressões sobre os grupos em vários sentidos.

Como dito anteriormente, a aplicação de estereótipos acontece quando primeiro se define uma ideia sobre um sujeito e só depois busca-se saber como ele pode realmente ser. Assim, tal como Braga (2015) enuncia, os estereótipos funcionam como rótulos que tentam fornecer informações para o espectador sobre determinado objeto, sendo assim, estereótipos, tais como rótulos, seriam imagens predefinidas.

Essa definição dialoga com o que diz Lippmann sobre o que ele denomina de “princípio da acentuação” (1922 *apud* Lima; Vala, 2004, p. 42), pois para ele os estereótipos seriam como “mapas mentais”, utilizados para simplificar a complexidade da sociedade, colocando as pessoas em “caixinhas”, que acentuariam as diferenças de certos grupos sociais, ação proveniente do processo de categorização social.

A ideia de categorização social conduz, mais uma vez, aos sistemas e generalizações realizadas pela linguagem, é nesse sentido que recorreremos à perspectiva discursiva e ao que é dito por Dias-Lysardo (2007, p. 27), para quem os estereótipos possuem duas dimensões:

a primeira seria a de saber sobre o qual se apóia a asserção do enunciador, ou seja, a dimensão de pressuposto. A segunda seria a de elemento discursivo anterior à enunciação, aquilo que foi dito ou elaborado. Dessa maneira, se opera uma distinção entre aquilo que está inscrito no enunciado e aquilo sobre o qual ele se apóia em termos de idéias, valores e crenças. [sic]

Portanto, o pré-construído é usado por um grupo de pessoas que buscam a compreensão mútua de certo objeto, mesmo não estando explícito no formato textual, ou seja, o uso se faz antes mesmo do enunciado e acontecimento discursivo, embora seja necessário um conhecimento prévio do objeto abordado, o estereótipo serve como elemento para a inter-compreensão dos envolvidos. O estereótipo exerce uma urgência, na qual é necessária a utilização de referências passadas para a criação de novas, proporcionando a compreensão dos sujeitos que já conhecem o objeto relatado. (Dias-Lysardo, 2007, p. 27)

Com base em tais autores, formamos um consenso sobre o que seriam os estereótipos, que serviram de fundamento para a execução de nossa pesquisa. De modo geral, os estereótipos teriam um papel na simplificação da realidade cotidiana, porém, como são construídos sem distanciamento dos sentimentos a eles vinculados, podem ser base de preconceitos, inclusive em suas formas mais violentas. Seguindo uma espécie de padrão

construtivo, os estereótipos não têm compromisso em refletir a realidade, é nesse sentido que quando alguém foge de um padrão dado por um estereótipo, não consegue alterá-lo, mas, diante dele, torna-se uma exceção.

Os estereótipos influenciam diretamente nossa visão de mundo, pois vivemos de acordo com aquilo que conhecemos, assim, quando tentamos definir o desconhecido, frequentemente desencadeamos processos de estereotipização. Isso posto, apesar de inevitáveis, devido à complexidade de nossa sociedade como um todo, a partir do momento em que passamos a entender os estereótipos como presumíveis fontes de discriminação, podemos nos conscientizar da diversidade humana e tentar construir bases sólidas contra os impulsos preconceituosos que advêm, muitas vezes, do estranhamento que temos diante do outro, que é, sempre, o diferente.

3 METODOLOGIA

Para a execução deste relatório de pesquisa, foram realizadas leituras aprofundadas em estudos relacionados ao tema, buscando informações em artigos acadêmicos, livros, teses, dissertações e revistas científicas. Estas leituras nos forneceram uma visão abrangente sobre o tema tratado, fazendo-nos pensar em como elaborar um instrumento de pesquisa.

Deste modo, consideramos a utilização de entrevistas, visto que, como é dito por Marconi e Lakatos (2019) estaríamos lidando com um procedimento de investigação social na procura e coleta de dados, sendo um importante meio para diversos campos das ciências sociais e outros setores, como a sociologia e a psicologia social. Entretanto, ao formularmos nosso instrumental para a aplicação das entrevistas, nos deparamos com limitações que nos impossibilitaram de continuar a utilizar tal método de pesquisa, pois para a realização de entrevistas com todos os docentes e discentes do Ensino Médio Técnico Integrado dos cursos de Química e Modelagem do Vestuário do IFSC Jaraguá do Sul, Câmpus Centro, público de interesse para a realização desta pesquisa, necessitaríamos de mais tempo do que dispúnhamos. Além disso, percebemos que, na condução de entrevistas, havia a possibilidade de influenciarmos as respostas dos entrevistados. Consciente ou inconscientemente os questionadores, devido a seus aspectos físicos, suas ideias, opiniões e expressões faciais podem induzir respostas, e a consciência desse fato fez com que repensássemos nosso método para que obtivéssemos dados mais fidedignos.

Diante disso, foi decidido que o método a ser seguido para a realização da pesquisa seria por meio de questionário anônimo. Pois dessa maneira os participantes da pesquisa teriam mais liberdade para que se mantivessem próximos de seus reais conhecimentos, impressões, pensamentos e sentimentos sobre a temática da pesquisa. O anonimato e a agilidade de responder ao questionário, acreditamos, teriam potencial para aumentar o grau de veracidade das respostas, pois os participantes não estariam sob os olhares, expectativas e influências dos pesquisadores em suas tomadas de decisões. Para viabilizarmos o processo de respostas anônimas e agilizarmos o processo de captação de dados, utilizamos a plataforma *Google Forms*, do site *Google*.

Escolhemos realizar um questionário quali-quantitativo, que, utilizando-se como referência Bruggemann e Parpinelli (2008), seria utilizado quando há necessidade da junção de ambos os métodos - qualitativo e quantitativo - o que é uma relação entre opostos, buscando aproximação, onde o método qualitativo buscaria a subjetividade e o quantitativo a objetividade. As duas abordagens em conjunto trazem um entendimento superior, assim como sua combinação gera uma triangulação metodológica, que, de acordo com Bruggemann e Parpinelli (2008), é um método “que contribui para aumentar o conhecimento sobre determinado tema, alcançar os objetivos traçados, observar e compreender a realidade estudada”. O método qualitativo desacompanhado do quantitativo não traria as informações que vimos como necessárias, pois para compreender os dados obtidos precisávamos tabular as respostas e pensar em números para poder interpretá-las. A partir dessa percepção construímos um questionário em que poderíamos avaliar as qualidades e as quantidades das respostas.

A elaboração do questionário se deu entre os meses de março e abril de 2023. Conforme fomos estruturando as questões, nos deparamos com o fato de que, talvez, muitos potenciais participantes poderiam não compreender o termo “estereótipo”, logo, buscamos uma forma de esclarecer tal conceito, criando um pequeno texto com base em nossas leituras de autores fundamentais para esta pesquisa: trata-se de um parágrafo que carrega a definição, de uma maneira sucinta, do que acreditamos ser uma compreensão razoável sobre o conceito de estereótipo. Enquanto escrevíamos a nossa compreensão sobre o termo, nos atentamos para a possibilidade de condução dos participantes, o que seria um grande e custoso equívoco, pois intentamos saber como o estereótipo é compreendido e tratado por parte da comunidade do Câmpus Jaraguá do Sul - Centro. Assim, cuidamos para não produzir uma explicação que fosse induzir as respostas dos questionados. Por fim, calculamos, mediante a ensaios

realizados por nós, membros do grupo, quanto tempo é preciso para que seja possível responder ao questionário de modo completo. Chegamos à média de 10 minutos e consideramos um tempo viável para aplicação da pesquisa ao maior número de participantes possível, docentes e discentes, dentro do horário habitual de presença desses sujeitos na Instituição.

Seguindo as orientações Institucionais, submetemos nosso projeto, questionário e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a avaliação da Coordenadoria de Pesquisa e Inovação do Câmpus Jaraguá do Sul - Centro. Primeiramente, nossa pesquisa envolve seres humanos e suas relações sociais dentro do ambiente escolar, o que, pela norma, já exigiria o encaminhamento ao Comitê de Ética em Pesquisa. Além disso, acabamos tratando de temas sensíveis que exigem uma certa delicadeza quando mencionados, por exemplo, os de origem racial, sexual, étnica ou religiosa. Desse modo, além de seguirmos a norma, decidimos seguir pelo caminho que é o mais burocrático e, sem dúvida, o mais demorado, porém mais correto, a submissão para a avaliação.

Após o parecer por parte do Comitê, iniciamos a aplicação do questionário, optando por comparecermos às turmas, assim, garantindo um maior número de respostas. Visitamos, no mês de setembro, todas as turmas do Ensino Médio Técnico Integrado dos cursos de Química e Modelagem do Vestuário, coletando o material para a posterior análise dos dados. Quanto aos docentes, enviamos um e-mail para os que lecionam nos cursos integrados, convidando-os a responder o questionário. Com os resultados em mãos, utilizamos o levantamento estatístico através da porcentagem, representando-os por meio de gráficos, para facilitar o entendimento e, conseqüentemente, a discussão e avaliação dos dados que reunimos.

4 ANÁLISE DE DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para satisfazer nosso objetivo geral, este sendo entender como os discentes e docentes do IFSC Jaraguá do Sul - Centro compreendem os estereótipos, construímos e aplicamos um questionário em todas as fases dos dois cursos Técnicos Integrados - Química e Modelagem do Vestuário - além da realização em sala, encaminhamos o formulário também aos professores. Ao todo - salvo alunos faltantes no dia em que estivemos nas respectivas salas e professores que porventura não realizaram o questionário - obtivemos 359 respostas, as quais serão analisadas no decorrer deste tópico.

Ao responderem a primeira questão do formulário: “Você já ouviu falar em estereótipo?” (pergunta n.º 2 do apêndice n.º 2), cerca de 98,3% dos questionados responderam que sim, apenas 1,7% negou. A pergunta seguinte (pergunta n.º 3 do apêndice n.º 2), referia-se a como era definido o estereótipo na visão dos participantes; 87% afirmaram que este seria uma construção social, 3,7% responderam que o estereótipo é um conhecimento inato e 9,3% não possuía uma explicação definitiva.



Gráfico da pergunta n.º 3 do apêndice n.º 2

Como já foi mencionado, pensando no número de pessoas que não participariam da pesquisa por não ter ouvido falar no termo, construímos um pequeno texto - tendo o cuidado de não conduzir respostas - com o significado de estereótipo (seção n.º 5 do apêndice n.º 2). As pessoas que não possuíam uma definição, 52 pessoas, foram encaminhadas para tal explicação. Dessas, a maioria, 57,7% tendo compreendido o termo e 34,6% mesmo não tendo certeza, seguiram no questionário. Infelizmente, 7,7% das pessoas, ou seja, 4 pessoas, não obtiveram uma clareza sobre o termo e não continuaram respondendo.

Em sequência, dentre as 355 pessoas que continuaram participando da pesquisa, foram direcionados para a questão “Considera relativamente comum o uso de estereótipos em seu cotidiano?” (pergunta n.º 5 do apêndice n.º 2). As respostas alcançaram um percentual de 62,8% para a opção “Sim”, 7,6% para a alternativa “Não”, e 29,6% para “Nunca refleti sobre isso”. Na questão seguinte, com o propósito de analisar a percepção dos questionados diante do processo da estereotipização, a pergunta “Você já foi categorizado com algum tipo de estereótipo?” (pergunta n.º 6 do apêndice n.º 2) foi inserida. Desse modo, 75,2% das respostas demarcavam a alternativa “Sim”, 21,1% a opção “Não que eu tenha percebido”, e 3,7% demarcaram a alternativa “Não”.

Por meio dos dados coletados, podemos notar uma discrepância nos percentuais obtidos, pois, apesar de quase um terço dos participantes ter respondido nunca terem refletido sobre o assunto, ou ainda, que acreditam que o uso de estereótipos não é comum em seu cotidiano, a maioria dos respondentes consideraram já terem sido categorizados com algum tipo de estereótipo. Esses dados nos fazem inferir pelo menos três situações, que podem, ou não, estar conectadas: 1^a) Em algum momento da vida, a grande parte dos participantes da pesquisa se perceberam “encaixotados” em algum estereótipo; 2^a) o uso do termo estereótipo é relativamente inusual no cotidiano; porém, e seguimos para a inferência 3^a) a prática da estereotipização conduz a preconceitos, termo muito mais comum na atualidade e, muitas vezes, não relacionado ao que acreditamos ser decorrente da estereotipização.

A partir da pergunta anterior, que buscava saber se os questionados já haviam sido categorizados com algum tipo de estereótipo, formulamos a pergunta n.º 7 do apêndice n.º 2. Esta teve o objetivo de entender como as pessoas se sentiram ao perceberem que foram categorizadas com um estereótipo. Assim como várias outras questões presentes em nosso formulário, a pergunta n.º 7 exibiu caixas de seleção, com sentenças que poderiam ser selecionadas pelos respondentes.

De imediato, percebemos que as frases mais escolhidas para representar o sentimento dos participantes ao perceberem que haviam sido categorizados com algum tipo de estereótipo foram: “reduzido(a), como se eu não fosse mais que um ‘conceito’ estereotipado”, “incomodado(a) e deslocado(a)” e “incompreendido(a), pois o estereótipo que me foi atribuído não condiz com quem eu sou”, todas com cerca de 86 a 89 seleções. Após estas, uma grande parte dos questionados relataram que não se sentiram afetados, fazendo tal alternativa atingir 78 respostas. A sentença “fiquei envergonhado(a), me senti mal” também acabou por ter um grande número de pessoas que se identificaram com a mesma, um total de 69 marcações. As próximas, marcadas por mais de 30 e menos de 45 pessoas, foram, das mais às menos escolhidas: “menosprezado(a) e desrespeitado(a)”, “senti que precisava esconder minha imagem para não ser reconhecido(a) pelo estereótipo” e “surpreendentemente, gostei de ser identificado(a) por um estereótipo”. Por fim, houveram ainda respostas adicionadas pelos participantes - “com raiva”, “humilhado” e “somente inquieto com a imbecilidade vigente”.

Com estas respostas em mãos - apesar de não podermos ignorar a grande porcentagem de pessoas que relataram não terem se sentido afetados e os respondentes que gostaram de ser identificados por um estereótipo -, temos a ideia de que os estereótipos, pelo menos na

maioria dos casos aqui estudados, ou seja, alvo da pesquisa restrito aos estudantes e professores do campus, têm um impacto negativo nos sentimentos ou relações pessoais da pessoa estereotipada.

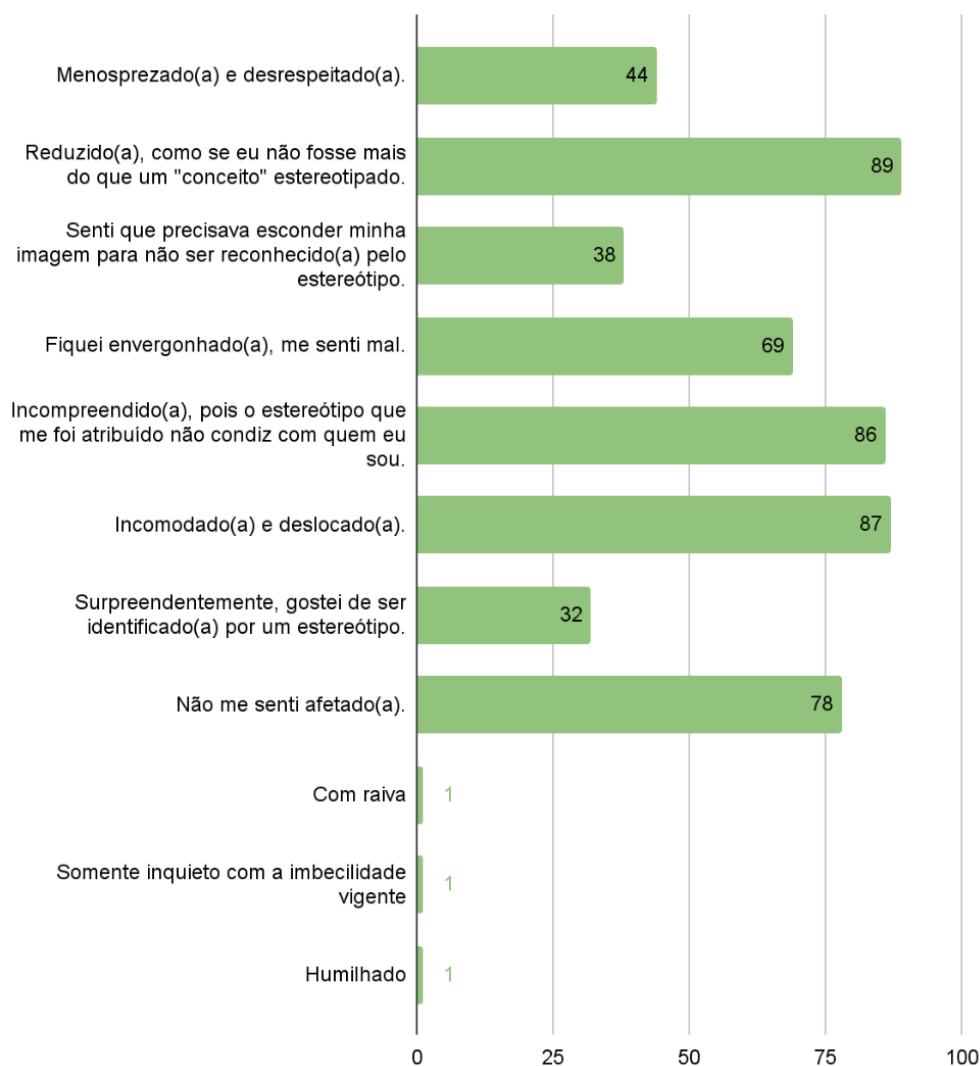


Gráfico da pergunta n.º 7 do apêndice n.º 2

Diante da questão “Acha que o estereótipo afeta as relações pessoais?” (pergunta n.º 8 do apêndice n.º 2), 82,8% responderam que sim, 4,8% assinalaram que não e 12,4% responderam que nunca haviam pensado sobre isso. Em seguida, na pergunta “Se afeta as relações pessoais, você julga que é de uma maneira positiva ou negativa?” (pergunta n.º 9 do apêndice n.º 2), 50% das respostas obtidas consideram que as relações pessoais podem ser afetadas por ambas as maneiras, tanto positivamente quanto negativamente. Já 49,7% dos

questionados, acreditam que os estereótipos afetam as relações pessoais apenas de uma maneira negativa. E somente 0,3% dos respondentes optaram por marcar a opção em que há a afirmativa de que os estereótipos impactam de uma maneira positiva as relações pessoais.

Os números parecem corroborar com o embasamento teórico desta pesquisa, sobretudo no que diz Pereira (2002 *apud* Guerra 2011) que afirma a existência dos estereótipos tanto na forma positiva, como negativa, além de outras formas de entendimento sobre o estereótipo. Cabecinhas (2004) referenciou uma pesquisa que utilizava o método de Katz e Braly³ (1993; 1935) que em seu trabalho pediram a 100 estudantes universitários que citassem as características de 10 grupos, cujos participantes foram selecionados, onde os dois grandes grupos principais, “brancos” e “negros”, para cada foram utilizados adjetivos opostos. Utilizando-os, às pessoas consideradas brancas foram atribuídas características como empreendedoras, inteligentes, materialistas, entre outros; já às pessoas consideradas negras foram atribuídas características como de supersticiosas, preguiçosas, despreocupadas, dentre outros.

Embora Cabecinhas (2004) não aborde se os estereótipos são positivos ou negativos, ela cita a existência de atribuições de características que podem ser tanto negativas, quanto positivas aos diferentes grupos sociais. E que essas características atribuídas a esses grupos não dependem do conhecimento e entendimento das pessoas quanto à cultura dos participantes, tal que ao citarem os traços de um grupo, que os participantes julgaram ou supuseram superior, atribuíram adjetivos positivos, ainda que o contato entre os grupos fossem poucos. Retomando Chimamanda (2019), notamos aparecer aqui uma relação de poder, já que há estereótipos tão disseminados e imbricados nas relações entre grupos que uma característica atribuída a determinado grupo acaba antecedendo ao próprio grupo. Para citar Chimamanda: “É assim que se cria uma história única: mostre um povo com uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna.” (2019, p. 22). Algo que nos ajuda a pensar como as relações de poder possuem ligação com a imagem dos grupos e, também, é possível visualizar uma forma como os estereótipos marcam de uma forma positiva e negativa as pessoas, afetando, nessa ocasião específica, a representação das culturas.

³ O método de Katz e Braly (1933) consistiu na utilização de uma lista de adjetivos, construída com base em adjetivos presentes na imprensa, literatura ou na comunicação entre estudantes universitários. A lista foi entregue aos participantes do estudo para os quais foi solicitado que escolhessem características da lista e as atribuissem aos grupos mostrados de acordo com os seus aspectos mais evidentes, como cor da pele. O método foi eficaz em concluir que há uma associação entre adjetivos atribuídos a determinados grupos e o que é “socialmente disseminado” sobre eles.

Quando os participantes foram questionados se consideram que os estereótipos podem ter relação com as práticas preconceituosas (pergunta n.º 10 do apêndice n.º 2), 96,9% das respostas obtidas demonstraram que sim, e 3,1% afirmavam não haver relação. Jakubaszko (2015) fala dos estereótipos como sendo “simplificações” da realidade, e que seu uso desenfreado pode gerar a crença de que ele trata da realidade. Essas circunstâncias podem, movidas pelo preconceito, gerar ações de violência e intolerância. Contribuindo com essa ideia, Cabecinhas cita LaPiere (1934 *apud* Cabecinhas 2004) para trazer um exemplo claro dos estereótipos ligados ao preconceito. Trata-se de um experimento em que LaPiere - um psicólogo social americano branco - viajou aos Estados Unidos acompanhado de um casal de chineses. Nessa ocasião, foram aceitos na maioria dos locais que visitaram, com exceção de um hotel em que a presença dos chineses não foi aceita. Após a viagem, LaPiere enviou uma carta a cada um dos estabelecimentos que haviam visitado perguntando se aceitariam chineses como clientes, as respostas obtidas foram 92% negativas e as restantes disseram que dependeria da situação.

A motivação desse comportamento por parte dos estadunidenses, seria, de acordo com Cabecinhas (2004), a discriminação racial nos Estados Unidos, fortificada pela segregação racial⁴, tal racismo estava escancarado, inclusive nas portas dos estabelecimentos, onde era possível ler: “É proibida a entrada de cães e chineses”. Em outros termos, a recusa dos hotéis, restaurantes e cafés aos chineses se tratava do preconceito, que está inteiramente ligado aos estereótipos. Diante da questão “Considera que os estereótipos podem ter relação com as práticas preconceituosas?” 96,9% dos respondentes acreditam que os estereótipos têm relação com a produção ou a prática do preconceito, vale lembrar que os respondentes foram orientados, no início do questionário, sobre uma ideia de estereótipos. A obtenção desse resultado nos permite retomar Cabecinhas em uma chave interpretativa.

Embora a autora não afirme, propriamente, a relação entre os estereótipos e o preconceito, citando Hartley (1946), desenvolve a afirmação de que o preconceito não possui relação com o conhecimento sobre o grupo, como já foi abordado anteriormente, mas que ele está ligado a ideia imaginária que se tem, inicialmente, a partir do momento em que aborda ou “conhece” aquele grupo, sem se ter necessariamente contato direto com ele. Como exemplo disso, comentando sobre a pesquisa de Hartley, que era um experimento utilizando a escala de

⁴ A segregação racial nos Estados Unidos foi um tipo de discriminação racial ligada ao contexto histórico da colonização, na qual inclui a discriminação na habitação, trabalho, educação, sistema de justiça criminal e saúde.

Bogardus⁵ (1928), onde além dos grupos utilizados na escala ele adicionou grupos políticos e fictícios. Cabecinhas aponta que os participantes julgaram os grupos fictícios baseado na preconceção de minoria étnica, sendo que os grupo efetivamente não existiam, demonstrando a relação dos estereótipos com o preconceito, tal que a partir do que pensaram que os grupos seriam, precipitadamente tiveram preconceito quanto a eles.

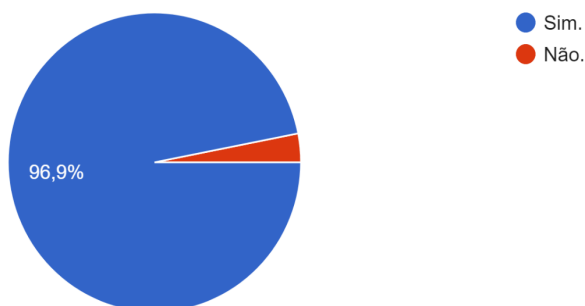


Gráfico da pergunta n.º 10 do apêndice n.º 2

Ligada à questão anterior, formulamos a pergunta n.º 11 do apêndice n.º 2, que, se anteriormente o participante houvesse afirmado que os estereótipos têm uma ligação com as práticas preconceituosas, agora poderia citar em quais práticas preconceituosas percebe a influência dos estereótipos. Assim como já havia sido mencionado, Jakubaszko (2015) trata os estereótipos como sendo ferramentas para simplificar a grande complexidade da sociedade e Lippmann (Lippmann, 2008, p. 97 *apud* Jakubaszko, 2015, p. 3) afirma que, diferentemente dos conceitos, os estereótipos são formados e estão fortemente atrelados aos sentimentos que os originam. Desta maneira, quando os estereótipos passam a ser difundidos e apresentados como verdade, podem acabar gerando ações de intolerância e, conseqüentemente, violência. Olhando agora para as respostas da questão n.º 11, podemos observar que os números casam certamente com tal teoria, visto que a maioria das pessoas selecionaram que os estereótipos têm ligação com muitas das práticas preconceituosas. Dentre as práticas preconceituosas listadas na pergunta, as mais selecionadas foram: “racismo” com 297 seleções, “preconceitos de gênero” com 283 e “LGBTQIAP+ fobia” e “xenofobia”, ambas com 273 seleções. Após estes, em ordem decrescente dos mais marcados, estão: “gordofobia” (265), “capacitismo”

⁵ A escala de Bogardus (1928) utilizando-se de uma Escala de Distância Social, pedia que os participantes - americanos brancos - deveriam classificar, em uma escala de sete pontos, as suas atitudes quanto a alguns grupos raciais, étnicos e religiosos, informando qual era a sua distância social de acordo com tópicos como “aceitaria como amigo íntimo” e “casaria com um membro deste grupo”.

(259), “intolerância religiosa” (258), “preconceito regional” (248), “preconceito linguístico” (230), “aporofobia” (221), “etarismo” (192), “nenhuma” (4), “todas” (3) e “preconceito político” (1).

Ademais, retornando a ideia de “caixinhas” construída por Jakubaszko (2015), a pergunta n.º 12 do apêndice n.º 2, visou identificar a existência de estereótipos no âmbito escolar através da questão “Algumas vezes, o termo estereótipo é referido, no senso comum, como caixinhas em que as pessoas são ‘encaixadas’. No ambiente escolar, você percebe a presença de ‘caixinhas’ em que estudantes ou docentes são colocados?”. A respeito da questão, 84,9% das respostas obtidas dizem que sim, que notam tal presença, 4,1% demarcou a alternativa “Não.”, e 11% optou pela alternativa “Nunca me dei conta da existência dessas ‘caixinhas.’”.

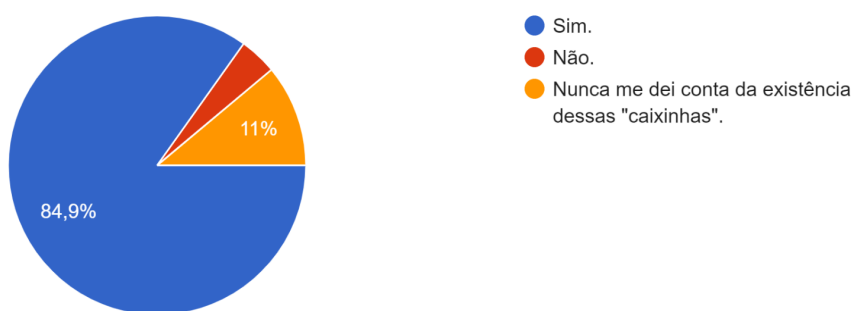


Gráfico da pergunta n.º 12 do apêndice n.º 2

Na questão seguinte, pergunta n.º 13 do apêndice n.º 2, são dispostos diversos estereótipos, ou “caixinhas”, como mencionadas anteriormente, que podem ser encontrados no âmbito escolar. Com o intuito de verificar quais os estereótipos estão mais presentes no cotidiano da Instituição, os questionados poderiam assinalar uma ou mais opções de estereótipo, que foram arrolados, durante a pesquisa. Também foi deixado espaço para que os respondentes inserissem outros estereótipos, caso desejassem, que considerassem comum na vida escolar.

Dentre as opções, para fins de análise, consideramos os estereótipos marcados como incomuns, relativamente comuns, comuns e muito comuns na escola. Disso, destacamos que os estereótipos considerados, nesta pesquisa, como os mais comuns, opções marcadas por mais de 150 participantes, no ambiente escolar é o de “nerd”, seguido, respectivamente por

“pessoa LGBTQIAP+”, “aluno quieto”, “atleta” e “patricinha (o)”; os comuns, assinalado por mais de 100 pessoas e menos de 150, foram o de “otaku (o fã de anime)”, “cristão”, “evangélico”, “gordo (a)”, “fã de grupos asiáticos (por exemplo, kpoppers)”, “emo”, “magro (a)”, “gótico” e “e-girl”; os relativamente comuns foram aqueles marcados por menos de 100 pessoas e mais de 10, sendo eles, o “roqueiro (a)”, “leitor (a)”, “otomo (a fã de anime)”, “e-boy”, “testemunha de Jeová”, “umbandista”, “agrobay”, e “agrogirl”. Por fim, diante do gráfico, podemos considerar como estereótipos incomuns, na comunidade do IFSC, aqueles que foram marcados por menos de 10 pessoas, são eles: “nordestino”, “bolsominion” e “modelagem”. Além dessas respostas, classificadas de acordo com o percentual de respostas, dois participantes consideram que “todos” os estereótipos estão presentes. Nessa questão também tivemos a contribuição de um dos respondentes que, ainda que não saibamos quem seja, visto que nossa pesquisa conservou o caráter anônimo, trouxe uma frase que simplifica e resume uma de nossas ponderações quando na formulação de tal questão. A contribuição foi: “De certa forma, todos estão presentes. Porém com intensidades diferentes”. Deixamos registrado que estamos de acordo com a sensibilidade e a percepção do respondente, pois notamos que todos os estereótipos listados aparecem, em maior ou menor intensidade, dentro de nosso ambiente escolar.

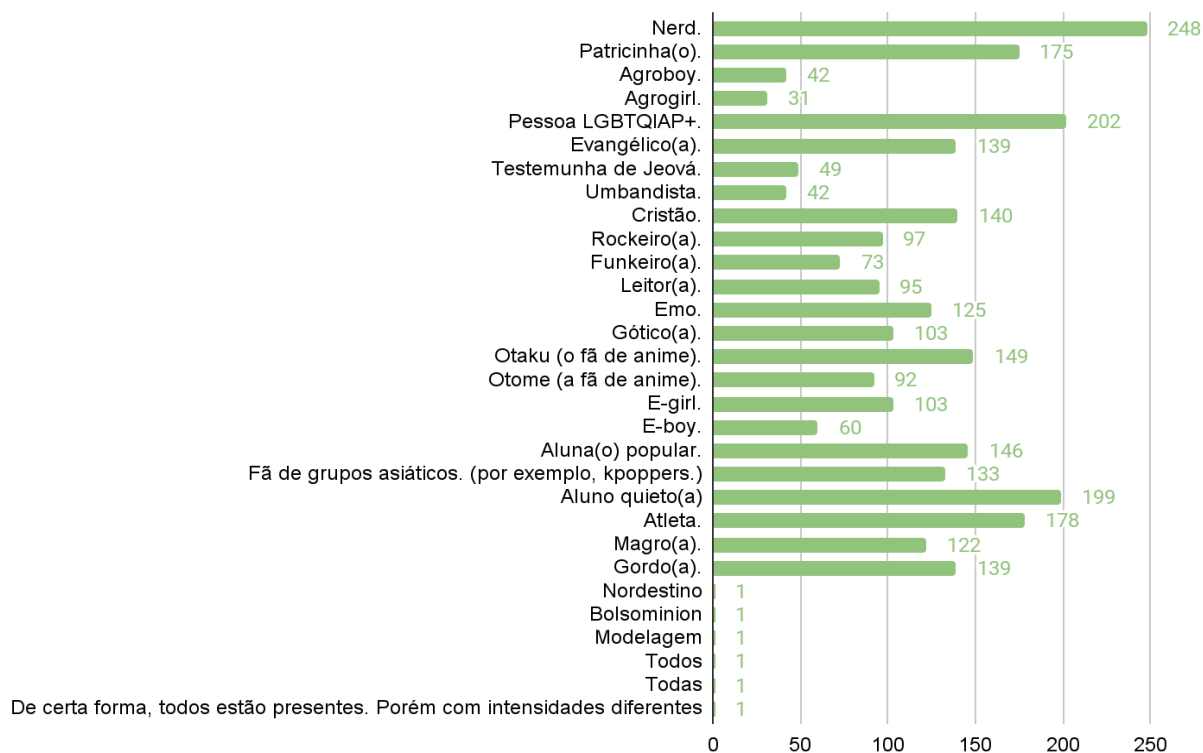


Gráfico da pergunta n.º 13 do apêndice n.º 2

No que se refere às ações tomadas pelo IFSC em relação ao estereótipo, a pergunta n.º 14 do apêndice n.º 2 trata sobre a existência de ações esclarecedoras na Instituição sobre o processo de estereotipização. Diante dessa pergunta, 63,4% dos participantes negaram a existência de tais ações, enquanto 36,6% consideraram haver ações elucidativas sobre o assunto.

O fato que a maioria dos questionados responderam que não existem ações esclarecedoras sobre a estereotipização é extremamente relevante, não só por ecoar uma de nossas hipóteses, mas também porque nos traz uma perspectiva sobre o que é ou não tratado pela escola com o objetivo de esclarecer a respeito de nosso tema e, conseqüentemente, sobre a formação dos preconceitos. Vale ressaltar que, segundo Jakubaszko (2015), é possível utilizar a reflexão sobre o assunto para criar uma quebra nos estereótipos, visto que, por meio de grupos, a discussão e o debate se tornam ótimas saídas para a cessação na aplicação do estereótipo. Ela acrescenta que o ato de contemplar, ter uma visão diferente da habitual e colocar o assunto em discussão pode agitar de forma mais efetiva o pensamento dos estudantes em torno dos estereótipos.

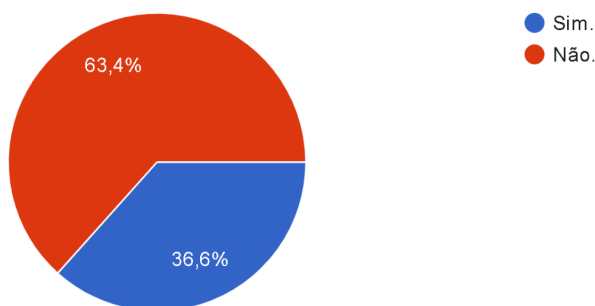


Gráfico da pergunta n.º 14 do apêndice n.º 2

Entretanto, - apesar da maioria dos questionados terem, na pergunta anterior, selecionado que o IFSC Jaraguá do Sul Centro não possui ações esclarecedoras sobre o termo “estereótipo” - diante da questão n.º 15, que visava qualificar tais ações no âmbito escolar, houve uma quantidade considerável de pessoas que citaram ações propostas pela Instituição.

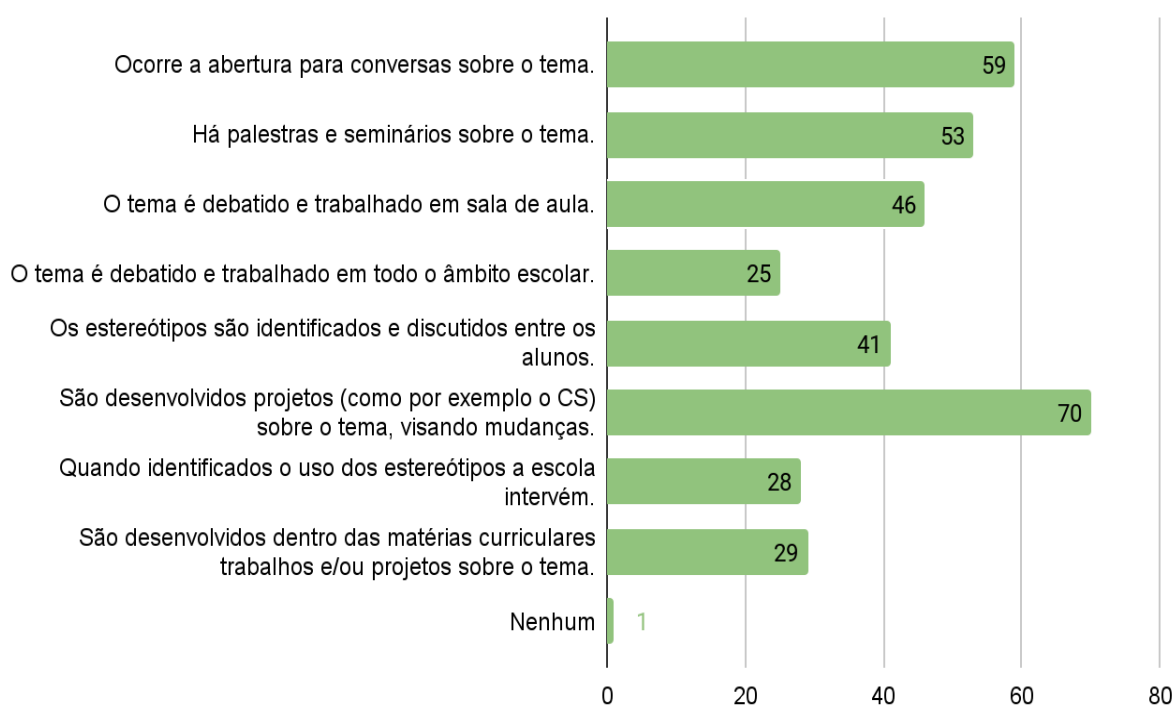


Gráfico da pergunta n.º 15 do apêndice n.º 2

As respostas obtidas em maior quantidade destacam a opção “São desenvolvidos projetos (como, por exemplo, o CS) sobre o tema, visando mudanças” na qual houve 70 seleções que concordaram com a sentença. Em sequência, grande percentual concorda que há a possibilidade de conversas sobre o tema, e a existência de palestras e seminários sobre os estereótipos. Após estas, seguem as alternativas: “o tema é debatido e trabalhado em sala de aula” e “os estereótipos são identificados e discutidos entre os alunos”, ambas tendo entre 40 e 50 seleções. Por fim, as ações apontadas por menos de 30 pessoas foram: “são desenvolvidos dentro das matérias curriculares trabalhos e/ou projetos sobre o tema” (29 seleções), “quando identificado o uso de estereótipos a escola intervém” (28), “o tema é debatido e trabalhado em todo o âmbito escolar” (25) e, por fim, “nenhum” (1).

Os números acima podem ser explicados devido à proximidade que há entre as ideias que envolvem o estereótipo e o preconceito, ideias essas que embaçam a função do primeiro na construção do segundo. Percebemos, ao longo da pesquisa, que o Instituto realiza diversas ações para o combate dos preconceitos, do mesmo modo que percebemos que a ele acaba não tratando, de maneira específica, dos estereótipos.

Na última questão, pergunta n.º 16 do apêndice n.º 2, buscamos, através da percepção das pessoas que realizaram o questionário, analisar e compreender quais ações esclarecedoras

acerca das implicações da prática da estereotipização, de forma geral, seriam consideradas importantes para tratar do assunto na visão dos questionados.

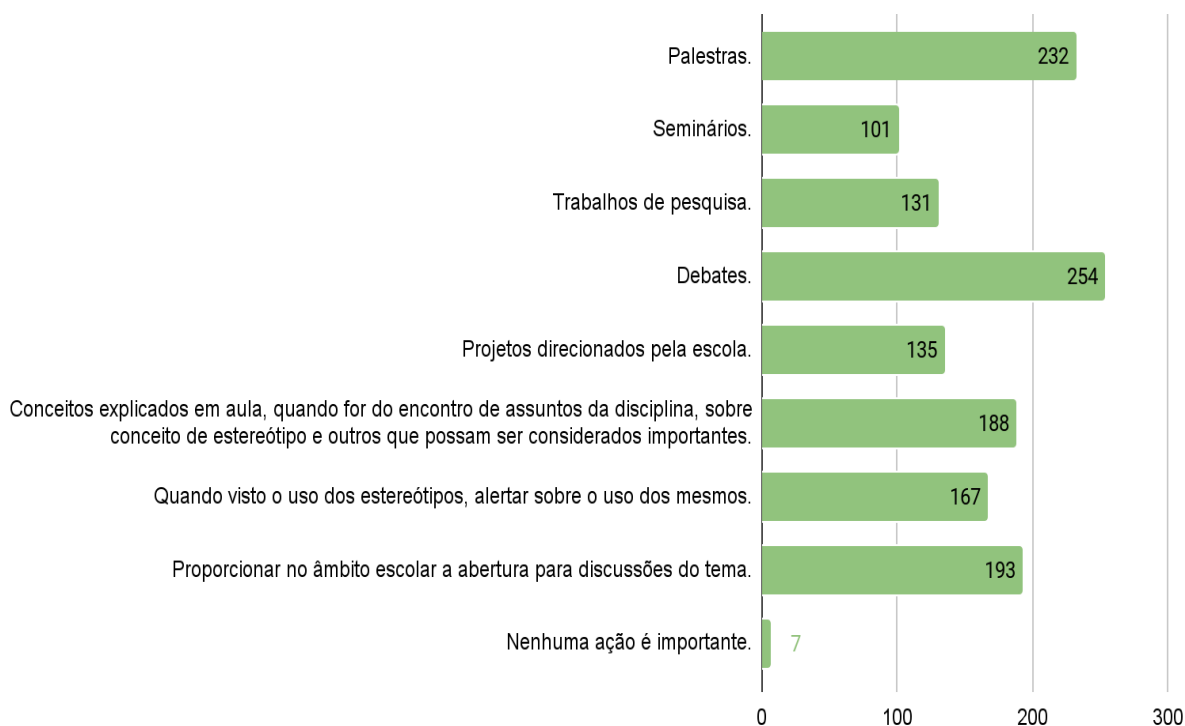


Gráfico da pergunta n.º 16 do apêndice n.º 2

De acordo com os resultados obtidos, em que os participantes poderiam escolher mais de uma alternativa, notamos que a maioria apontou que a realização de debates e palestras seria muito importante para desmistificar o termo. Muitos participantes também marcaram a opção que corresponde à necessidade de criação de espaços para a discussão sobre o tema, essa opção foi seguida pela possibilidade do conceito ser trabalhado em sala de aula, e ainda sobre a possibilidade de alertar sobre o uso de estereótipos quando notada sua presença. Projeto direcionados pela escola, trabalhos de pesquisa e seminários também foram opções consideradas relevantes por um grande número de participantes. Notamos com isso que, como dito por Jakubaszko (2015), os alunos precisam compreender e assimilar, como uma tarefa, os locais onde a produção do discurso é construída e empregada, conhecendo as recordações que são carregadas por palavras, conceitos e ideais, pois dessa maneira seria possível desmistificar as crenças, quebrar estereótipos e, pelo menos, diminuir preconceitos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseando-se na fundamentação pesquisada e desenvolvida, na análise dos resultados obtidos através do questionário, para elucidar as considerações desta pesquisa, retornamos ao problema de pesquisa “de que maneira os estereótipos são compreendidos e tratados dentro do Instituto Federal de Santa Catarina, Câmpus Jaraguá do Sul - Centro, e quais as atitudes tomadas pelos docentes e discentes?”. Este, juntamente com as hipóteses levantadas e os objetivos específicos, foram utilizados como base no momento da construção do questionário, ocorrida nos meses de março e abril de 2023.

Com foco em nosso problema, a primeira hipótese levantada foi: Os servidores docentes e os alunos do Ensino Médio Integrado, do Câmpus Jaraguá do Sul - Centro, do Instituto Federal de Santa Catarina veem os estereótipos como a raiz de problemas como o bullying e o preconceito, e o IFSC busca desenvolver atividades que promovam a diversidade, contudo, nenhuma dessas atividades falam sobre o estereótipo. Com as respostas do questionário, podemos confirmar tal hipótese, pois os dados obtidos, sobretudo a partir da questão n.º 10 do apêndice n.º 2, nos mostram que 96,9% dos respondentes concordam que os estereótipos podem ter relação com as práticas preconceituosas, e apenas 3,1% negaram tal relação. Quanto ao desenvolvimento de atividades que tratam sobre os estereótipos feitas pelo IFSC, temos a pergunta n.º 14 do apêndice n.º 2, onde 63,4% dos participantes negaram a existência de tais ações, enquanto 36,6% consideraram haver ações elucidativas sobre o assunto.

Aqui, novamente, se abre um espaço para expormos a importância de haver debates no ambiente escolar sobre o estereótipo. Para isso, podemos reaver a ideia de Goffman (2008) sobre os representantes dos grupos estigmatizados, que seriam pessoas estigmatizadas que teriam alcançado uma posição de prestígio perante a sociedade e que, por causa disso, seriam capazes de influenciar a percepção da sociedade em relação aos grupos que representam. Além disso, Pereira (2002 *apud* Guerra, 2011) diz que os meios de comunicação também são capazes de modificar a visão que as pessoas consideradas “normais” têm em relação às pessoas estereotipadas.

Isso nos leva a pensar que, ao abrirmos espaços para que as pessoas estereotipadas possam falar sobre o estereótipo e o que ele implica em suas vidas e nas relações que constroem com outras pessoas, podemos, talvez, começar a entender mais sobre como esse mecanismo funciona e no que ele acarreta. Ou seja, se entrássemos em contato com uma percepção diferente da habitual sobre determinado estereótipo, teríamos a oportunidade e a

possibilidade de dar um passo em direção à desconstrução dos estereótipos, já que, segundo Adichie (2019, p. 32): “As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada”. Dessa forma, salientamos a importância de ações dentro do IFSC para que os estereótipos sejam desnaturalizados e desconstruídos, talvez evitando que eles se tornem a história única sobre alguém.

Com isso em mente, podemos discutir sobre a segunda hipótese: Os estereótipos, entendidos como um fator presente na vida social das pessoas, podem afetar tanto o lado que estereotipa, como o lado que é estereotipado, entretanto, o Instituto Federal de Santa Catarina não abre um espaço específico para que os alunos possam expressar e dialogar sobre suas individualidades. Podemos confirmar essa hipótese a partir, novamente, da questão n.º 14 do apêndice n.º 2, onde 63,4% dos participantes dizem que a escola não possui ações esclarecedoras sobre a estereotipização, fator que foi desenvolvido acima.

Bem, Goffman (2008), sabemos, trata sobre estigmas, mas nos permite entender o funcionamento do estereótipo. O autor nos conta que é na socialização que pessoas estigmatizadas e pessoas tidas como “normais” sofrem, ambas, as consequências do estigma, pois uma acaba se configurando como o desconforto da outra. Tal consideração de Goffman sobre o estigma pode ser estendido para o entendimento do funcionamento e perpetuação do estereótipo, pois se há desconforto com a presença, tanto mais haverá com a comunicação. Ou seja, e retomando Goffman, o estigma faz com que ambas as partes desejem ter o mínimo de contato com a outra, isso também parece verdadeiro para o estereótipo. Nesse sentido, o que consideramos necessário e muito importante é que haja espaço para superar o desconforto, esse espaço, pensamos, deve ser construído através da comunicação, pois a falta dela pode isolar as partes e, por outro lado, a presença dela traz, como consequência, a possibilidade de quebra dos estereótipos e a melhora da vida social e do ambiente escolar

Seguindo para a terceira e última hipótese: Os alunos e os servidores docentes gostariam de participar e estariam dispostos a organizar atividades que promovam o conhecimento sobre o que é estereótipo e qual o peso dele na sociabilização. Conscientizando a si mesmos e a outras pessoas sobre o peso dos processos de produção de estereótipos, docentes e discentes contribuiriam para a diminuição do preconceito e do bullying. Esta hipótese pode ser pensada por meio da interpretação da questão n.º 16, no apêndice n.º 2, que diz “Quais ações você consideraria importante de serem efetivadas com o objetivo de

esclarecer as implicações da prática da estereotipização?” Lembramos que, como visto anteriormente, os participantes da pesquisa assinalaram, principalmente, as alternativas que versavam sobre a realização de palestras, debates e sobre a escola proporcionar um espaço para tratar do tema. Entendemos que as respostas nos permitem pensar que as opções marcadas condizem com a consciência da necessidade de debates para o esclarecimento sobre o assunto dentro do espaço escolar. Isso nos leva a inferir que a terceira hipótese é verdadeira. Pois entendemos que os participantes da pesquisa estão cientes de que a efetivação das ações selecionadas por eles como necessárias dentro do IFSC demandam as suas respectivas participações.

Tendo nossas três hipóteses confirmadas, desejamos retomar aqui qual era nosso objetivo: “Conhecer como os estereótipos são compreendidos e tratados no IFSC Jaraguá do Sul-Centro e quais atitudes os docentes e discentes tomam diante disso”. Entendemos que nosso objetivo foi alcançado, pois pudemos perceber alguns dos modos como os estereótipos são pensados na Instituição. Descobrimos, também, que, em sua maioria, os docentes e discentes compreendem que os estereótipos são usados de maneira pejorativa e que podem ter relação com as práticas preconceituosas. Quanto às atitudes tomadas pelos docentes e discentes, podemos dizer que quando se trata de preconceitos, grande parte dos respondentes está disposta a participar de ações que promovam seu fim. Porém, trabalhar para o fim do preconceito demanda, também e muito, esclarecimento sobre os estereótipos, os quais consideramos como raízes das práticas preconceituosas.

Por termos chegado ao fim desta pesquisa, do primeiro ciclo do Conectando Saberes, com o nosso objetivo atingido e com nossas hipóteses confirmadas, ousamos sugerir, se assim coubesse, que a Instituição promovesse atividades que demonstrassem aos docentes e discentes do câmpus os impactos que os estereótipos têm no dia-a-dia escolar, informando sobre a importante participação do estereótipo na construção ou na manutenção dos preconceitos. Pois acreditamos que esclarecer o termo e trabalhar para a sua diminuição, quiçá seu fim, favoreceria a diminuição das práticas preconceituosas dentro do câmpus e impactaria nas relações sociais fora dele também. Conhecer uma pessoa não é tarefa fácil, não é algo simples, não é algo que possa ser resumido em uma palavra, em uma categoria. Pois, como escreveu Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski, em *Crime e Castigo* (2009, p. 30), “para se conhecer qualquer pessoa, é preciso ir-se chegando a ela devagar e com cautela, para evitar equívoco e preconceito, coisas bem difíceis de corrigir e reparar depois.”

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BACCEGA, Maria Aparecida. O estereótipo e as diversidades. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 13, set./dez. 1988. p. 7-14. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36820/39542>. Acesso em: 18 out. 2023.
- BRAGA JUNIOR, Amaro Xavier. **Por uma Sociologia da Imagem Desenhada: Reprodução, Estereótipo e Actância nos Quadrinhos de Super-Heróis da Marvel Comics**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/16364/1/%5bTESE%5d_Amaro_Xavier%20_Braga_Jr.pdf Acesso em: 24 out. 2022.
- BRASIL.[Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].
- BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 26 jun. 2014b. Seção 1, p. 1, Ed. Extra
- BRÜGGMANN, Odaléa Maria; PARPINELLI, Mary Ângela. Utilizando as abordagens quantitativa e qualitativa na produção do conhecimento. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, Florianópolis, v. 42, n. 3, p. 563-568, set. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reusp/a/wRcfDRsqkfyzm5f5CMYVMm7M/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 nov. 2023.
- CABECINHAS, Rosa. Processos cognitivos, cultura e estereótipos sociais. **Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade**, Covilhã, p. 1-18, abr. 2004 Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/1650/1/rcabecinhas_II_Iberico_2004.pdf . Acesso em: 10 nov. 2022.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikhailovitch. **Crime e Castigo**. 6. ed. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 30. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra; gravuras de Evandro Carlos Jardim.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GUERRA, Paula Bierrenbach de Castro. Psicologia social dos estereótipos. **Psico-USF**, v. 7, n. 2, dez. 2002. p. 239-240. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/PPxrbfQWMnqcMZkyHtMd7Js/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 nov. 2022.
- JAKUBASZKO, Daniela. Quebrando estereótipos e rompendo preconceitos na sala de aula. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 14, n. 168, maio de 2015. p. 1-16. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/27293/14608>. Acesso em: 11 nov. 2022.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; PEREIRA, Marcos Emanuel. **Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas**. Salvador, EDUFBA, 2004. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32112/1/Estere%c3%b3tipos%2c%20preconceitos%20e%20discrimina%c3%a7%c3%a3o%20RI.pdf>. Acesso em: 24 out. 2022.

LYSARDO-DIAS, Dylia. A construção e desconstrução de estereótipos pela publicidade brasileira. **Stockholm Review of Latin American Studies**. n. 2. Nov. 2007, p. 25-35.

Disponível em:

https://hugoribeiro.com.br/area-restrita/Borges-Midia_e_transgressao.pdf#page=26. Acesso em: 12 out. 2022.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo, Editora Atlas S.A., 2019.

MIRANDA, Daylane; CAVALCANTE, Larisa Alves; MELO, Raimunda Alves. O OLHAR DA PSICOLOGIA SOCIAL SOBRE ATITUDES ANTISSOCIAIS: PRECONCEITO E ESTEREÓTIPOS: THE VIEW OF SOCIAL PSYCHOLOGY ABOUT ANTI-SOCIAL ATTITUDES: PREJUDICE AND STEREOTYPES. **Epistemologia e Práxis Educativa - EPEduc**, [S. l.], v. 3, n. 1, 2020. DOI: 10.26694/epeduc.v3i1.10750. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/epeduc/article/view/1837>. Acesso em: 22 out. 2022.

Plano Nacional de Educação (PNE). **Lei Federal n.º 10.172, de 9/01/2001**. Brasília: MEC, 2001c. BRASIL.

PLATÃO. **O mito da caverna**. São Paulo: Edipro, 2019.

SOUSA, Adriana Maria de; MARINHO, Carmem de Sousa; FONSECA, Darci Domingas; SILVA, Elionai Lima da; LIRA, Erica Valéria Bezerra da Silva; FELICIO, Gisele Sales; SILVA, Maria Aparecida Cordeiro da; OLIVEIRA, Maria Imaculada; OLIVEIRA, Mariana Silva; OLIVEIRA, Silvia Cristina. **Questão de Gênero na Escola e a Influência da Sociedade**. s.d. Disponível em:

<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/questao-genero-na-escola-influencia-so-ciedade.htm>. Acesso em: 23 maio 2023.

APÊNDICES

APÊNDICE Nº 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Este é um convite para você participar, como voluntário, em uma pesquisa. Leia os termos abaixo e, ao final desta página, marque, por gentileza, a caixa de seleção que estiver de acordo com a sua decisão.

Título da pesquisa: Estereótipos: compreensão e entendimento pelos docentes e discentes do IFSC Jaraguá do Sul - Centro.

Pesquisadora responsável (Orientadora): Professora Dra. Deisi Beatriz Barcik (e-mail deisi.barcik@ifsc.edu.br)

Estudantes: Bianca Maas, Carla Canalle Mundel, Daniel Borchardt Lindner, Julia Cristyne Anastacio, Nykolas José Köpp.

Endereço: Av. Getúlio Vargas, 830 - Centro, Jaraguá do Sul - SC, 89251-000

O objetivo desta pesquisa é conhecer como os estereótipos são compreendidos e tratados no IFSC Jaraguá do Sul-Centro e quais atitudes os docentes e discentes tomam diante disso.

A sua participação na pesquisa, autorizada pelo processo nº 23292.030539/2023-55, consiste em responder ao questionário, sem que dele decorra qualquer prejuízo ou constrangimento. Os procedimentos aplicados por esta pesquisa eventualmente podem oferecer riscos (Ressalta-se que toda pesquisa tem riscos, mesmo que sejam mínimos). De acordo com a Resolução CNS 466/2012, há a possibilidade de danos psíquico, moral, intelectual, social, cultural do ser humano, em qualquer etapa da pesquisa e dela decorrente. Caso queira, informe ao pesquisador qualquer condição de saúde que possa interferir em sua participação na pesquisa. Os benefícios esperados pela sua participação são de auxiliar no desenvolvimento desta pesquisa através do compartilhamento de informações sobre a sua convivência no ambiente escolar e a sua percepção sobre estereótipos e conceitos

pré-definidos. Com a obtenção dos dados, a pesquisa pretende encontrar elementos através dos quais seja possível realizar avaliações sobre as necessidades e as possibilidades de desenvolvimentos de projetos que promovam ações contra preconceitos gerados por estereótipos e conceitos pré-definidos. Ou seja, a pesquisa busca coletar dados para identificar os conhecimentos dos docentes e discentes, em atividade no Ensino Médio Técnico Integrado do IFSC Jaraguá do Sul - Centro, sobre a temática da pesquisa. Esperamos que tais dados possam, posteriormente, possibilitar a reflexão sobre as necessidades e as possibilidades de realização de ações no Câmpus que visem melhorar o convívio no ambiente escolar e, conseqüentemente, na sociedade.

Salientamos que a atividade não prevê nenhum tipo de ressarcimento ou compensação material para os participantes.

APÊNDICE Nº 2

QUESTIONÁRIO

1. Você está de acordo com o termo acima e aceita participar da pesquisa? * (Marcar apenas uma oval)

Estou de acordo e aceito participar da pesquisa respondendo ao questionário. **(Pular para a pergunta 2)**

Não concordo com os termos citados, portanto, desejo não responder ao questionário. **(Pular para a seção 3 - Agradecemos a sua cooperação! Compreendemos a sua opção e ficamos gratos pela sua breve participação.)**

2. Você já ouviu falar em estereótipo? * (Marcar apenas uma oval)

Sim. **(Pular para a pergunta 3)**

Não. **(Pular para a seção 5 - Definição: Estereótipo)**

3. Então, para você, estereótipo, em síntese, pode ser definido como: * (Marcar apenas uma oval)

Uma construção social. **(Pular para a pergunta 5)**

Um conhecimento inato. **(Pular para a seção 5 - Definição: Estereótipo)**

Características inquestionáveis e definidoras de algo ou alguém. **(Pular para a seção 5 - Definição: Estereótipo)**

Não possuo uma explicação definitiva. **(Pular para a seção 5 - Definição: Estereótipo)**

Seção 5 - Definição: Estereótipo

Os estereótipos possuem um papel de simplificação da realidade, porém não tem compromisso em refletir a mesma, por isso a estereotipização acaba sendo passível de servir de base para preconceitos. Nossa visão de mundo, de maneira geral, é influenciada por aquilo que, em algum grau, já conhecemos. Esses processos que buscam "reconhecer", muitas vezes, se transformam em aplicação de estereótipos, ou seja, não é raro recorrermos ao estereótipo quando estamos diante do desconhecido. Ao saber, ainda que de modo simplificado, sobre o modo como o estereótipo ocorre, podemos construir bases sólidas contra os impulsos preconceituosos que muitas vezes advém do estranhamento que temos diante do outro.

4. Com base na explicação anterior, você julga que obteve alguma clareza sobre o termo? *

(Marcar apenas uma oval)

Sim. Posso seguir com o questionário. **(Pular para a pergunta 5)**

Não. Ainda não considero o termo claro. **(Pular para a seção 3 - Agradecemos a sua cooperação! Compreendemos a sua opção e ficamos gratos pela sua breve participação.)**

Não tenho certeza, mas acho que posso seguir respondendo. **(Pular para a pergunta 5)**

5. Considera relativamente comum o uso de estereótipos em seu cotidiano? * (Marcar apenas uma oval)

Sim. **(Pular para a pergunta 6)**

Não. **(Pular para a pergunta 6)**

Nunca refleti sobre isso. **(Pular para a pergunta 6)**

6. Você já foi categorizado com algum tipo de estereótipo? * (Marcar apenas uma oval)

Sim. **(Pular para a pergunta 7)**

Não. **(Pular para a pergunta 8)**

Não que eu tenha percebido. **(Pular para a pergunta 8)**

7. Como você se sentiu? (Caso queira, poderá marcar mais de uma opção.)

Menosprezado(a) e desrespeitado(a).

Reduzido(a), como se eu não fosse mais do que um "conceito" estereotipado.

Senti que precisava esconder minha imagem para não ser reconhecido(a) pelo estereótipo.

Fiquei envergonhado(a), me senti mal.

Incompreendido(a), pois o estereótipo que me foi atribuído não condiz com quem eu sou.

Incomodado(a) e deslocado(a).

Surpreendentemente, gostei de ser identificado(a) por um estereótipo.

Não me senti afetado(a).

Outro:

8. Acha que o estereótipo afeta as relações pessoais? * (Marcar apenas uma oval)

Sim. **(Pular para a pergunta 9)**

Não. **(Pular para a pergunta 10)**

Nunca parei para pensar nisso. **(Pular para a pergunta 10)**

9. Se afeta as relações pessoais, você julga que é de uma maneira positiva ou negativa?

(Marcar apenas uma oval)

Positiva. **(Pular para a pergunta 10)**

Negativa. **(Pular para a pergunta 10)**

Ambas. **(Pular para a pergunta 10)**

10. Considera que os estereótipos podem ter relação com as práticas preconceituosas? *

(Marcar apenas uma oval)

Sim. **(Pular para a pergunta 11)**

Não. **(Pular para a seção 3 - Agradecemos a sua cooperação! Compreendemos a sua opção e ficamos gratos pela sua breve participação.)**

11. Entre as práticas preconceituosas listadas abaixo, quais você considera ligadas à estereotipização? (Aqui você também pode marcar mais de uma opção.)

Preconceitos de gênero (discriminação de pessoas de acordo com seu sexo).

Racismo (discriminação de pessoas de acordo com a sua cor ou etnia).

LGBTQIAP+ fobia (intolerância e/ou aversão às pessoas que não são heterossexuais e cisgêneras).

Xenofobia (aversão a estrangeiros).

Capacitismo (discriminação contra as pessoas com deficiências).

Intolerância religiosa (discriminar religiões e pessoas por conta da sua crença).

Preconceito linguístico (discriminação do uso de uma linguagem diferente da norma-padrão).

Gordofobia (preconceito contra pessoas gordas).

Aporofobia (aversão aos pobres).

Etarismo (preconceito contra idosos).

Preconceito regional (discriminação que se baseia na origem geográfica das pessoas).

Nenhuma.

Outro:

12. Algumas vezes, o termo estereótipo é referido, no senso comum, como caixinhas em que as pessoas são "encaixadas". No ambiente escolar, você percebe a presença de "caixinhas" em que estudantes ou docentes são colocados? * (Marcar apenas uma oval)

Sim. **(Pular para a pergunta 13)**

Não. **(Pular para a pergunta 14)**

Nunca me dei conta desse termo "caixinhas". **(Pular para a pergunta 14)**

13. Entendendo que as "caixinhas" existem, quais são os estereótipos, ou "caixinhas", mais comuns presente no seu cotidiano escolar? (De antemão, pedimos desculpas caso algum termo, comumente pejorativo, lhe apresente alguma conotação ofensiva, não é essa a nossa intenção! Pedimos, também, para que você se lembre de que o questionário, que tem finalidade estudantil, faz parte de uma pesquisa e, portanto, conta com sua compreensão e colaboração.) *

Nerd.

Patricinha(o).

Agroboy.

Agrogirl.

Pessoa LGBTQIAP+.

Evangélico(a).

Testemunha de Jeová.

Umbandista.

Cristão.

Rockeiro(a).

Funkeiro(a).

Leitor(a).

Emo.

Gótico(a).

Otaku (o fã de anime).

Otome (a fã de anime).

E-girl.

E-boy.

Aluna(o) popular.

Fã de grupos asiáticos. (por exemplo, kpoppers.)

Aluno quieto(a).

Atleta.

Magro(a).

Gordo(a).

Outro:

14. Considera que, no ambiente escolar, existem ações esclarecedoras sobre a estereotipização? * (Marcar apenas uma oval)

Sim. **(Pular para a pergunta 15)**

Não. **(Pular para a pergunta 16)**

15. Quais são elas? * (Você pode selecionar mais de uma resposta.)

Ocorre a abertura para conversas sobre o tema.

Há palestras e seminários sobre o tema.

O tema é debatido e trabalhado em sala de aula.

O tema é debatido e trabalhado em todo o âmbito escolar.

Os estereótipos são identificados e discutidos entre os alunos.

São desenvolvidos projetos (como por exemplo o CS) sobre o tema, visando mudanças.

Quando identificados o uso dos estereótipos a escola intervém.

São desenvolvidos dentro das matérias curriculares trabalhos e/ou projetos sobre o tema.

Outro:

16. Quais ações você consideraria importante de serem efetivadas com o objetivo de esclarecer as implicações da prática da estereotipização? * (Aqui você também pode escolher mais de uma alternativa.)

Palestras.

Seminários.

Trabalhos de pesquisa.

Debates.

Projetos direcionados pela escola.

Conceitos explicados em aula, quando for do encontro de assuntos da disciplina, sobre conceito de estereótipo e outros que possam ser considerados importantes.

Quando visto o uso dos estereótipos, alertar sobre o uso dos mesmos.

Proporcionar no âmbito escolar a abertura para discussões do tema.

Nenhuma ação é importante.

Por fim, gostaríamos de saber se você tem alguma crítica ou sugestão em relação ao questionário ou à pesquisa. Então, caso deseje, por favor, escreva seus comentários aqui.
(Texto de resposta longa)